



deriva e ruptura

Maria Clara Lewenkopf

**Artes e
Design**
PUC-Rio

PUC-Rio | 2024.2

Departamento de Artes e Design

Memorial do Projeto de Conclusão

Título: Deriva e Ruptura

Nome: Maria Clara Araújo Lewenkopf

Orientação: Izabel Oliveira e Rita Couto

agradecimentos

Agradeço a todos que fizeram parte desses sete anos de trajetória e contribuíram para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Primeiramente, à professora Bebel (Izabel Oliveira), que esteve comigo em muitas etapas da minha graduação, acompanhando-me até os projetos mais importantes da minha trajetória. Sua presença foi fundamental, sempre me encorajando e dando os puxões de orelha nos momentos certos. Sua forma cuidadosa de orientar estimulava a reflexão e abria novos diálogos, tanto no âmbito do trabalho quanto na minha vida pessoal. A Rita Couto, agradeço pelo acolhimento que deu ao meu tema de projeto e por ter expandido meus horizontes de maneiras que eu nunca imaginei. Sua visão e apoio foram essenciais. Ao Gilberto Mendes, sou muito grata por ter me dado a oportunidade de me envolver com a vida universitária e por ter aberto meus olhos para o meu potencial no Design. Vou sentir muita saudade do clima gostoso e acolhedor do PRELO. Aos meus pais Aline e Caio, obrigada por sonharem comigo e por estarem sempre ao meu lado, apoiando tudo o que desejo fazer. Minha coragem e paixão pelo que faço vêm de vocês. Ao Clube Botafogo Futebol e Regatas, por manterem uma tradição viva e por me acolherem em momentos difíceis. Além disso, por permitirem a realização deste trabalho dentro da carpintaria do clube. Ao meu irmão Marcos e às minhas amigas, Laura, Helena e Xou, amo vocês. Por fim, à PUC-Rio e aos meus professores, que me proporcionaram uma formação em Design infinitamente além do que eu esperava, com aulas interessantes e de qualidade, salas e laboratórios equipados, garantindo que eu tivesse tudo o que precisava para alcançar uma formação de excelência.



sumário

resumo	05
definição	06
fundamentação	07
propósito e diretrizes	08
opção metodológica	09
investigação gráfica	10
descoberta carpintaria	18
publicação	56
conclusão	69
bibliografia	70



resumo

As demandas sociais e de produção certas vezes passam do limite tolerável do corpo, assim, nos distanciam cada vez mais da subjetividade e pensamento inconsciente. Por muitas vezes, estar em contato com a nossa subjetividade pode permitir enxergar o mundo com outro olhar e também nos aproxima de formar possibilidades de novos fluxos dentro do meio que habitamos. O exercício de encontrar novos fluxos (linhas de fuga) é uma ruptura que permite a experimentação do devir, daquilo que está conectado no acontecimento do agora. Essa experiência pode ser passageira e inventada por nós mas visto que experiências são algo que nos passa e ocorre, temos que estar passíveis para sentir.

Esse projeto explora essa questão dentro de um contexto da prática do remo na Lagoa Rodrigo de Freitas. Nesse sentido, investiga minhas derivas de acordo com os limites que englobam determinismos e a relação de morfologia social do local escolhido. Portanto, busco derivar-me com o viés comportamental lúdico (prática transversal) mas reconhecendo efeitos das solicitações do terreno e encontros que ele proporciona (psicogeografia).



definição

A escolha de trabalhar com esse tema surge de uma vontade pessoal de expressar minhas vivências no esporte. Sou remadora há dez anos e através da prática do remo passei por muitos aprendizados, transformações, momentos felizes e tristes. Remar é a forma que eu naturalmente encontrei de me relacionar com a vida, de entender muito sobre o mundo que habito através da experiência de praticar um esporte da minha escolha.

Dentro do universo competitivo, disciplinado e em busca da eficiência e rendimento ainda encontro muito espaço para explorar questões do campo da subjetividade como identidade, consciência, valores, afeto e memória. Em busca de ampliar uma perspectiva pessoal do remo, entrevistei dois atletas com mais de 20 anos de trajetória no esporte com o objetivo de saber como eles se relacionavam com a atividade e procurar conexões dos relatos com minhas reflexões.

As conversas foram um ponto de partida que me levaram a investigar a teoria da Deriva de Guy Debord, na qual me propus a derivar-me no território da Lagoa remando e caminhando. Essa experiência me fez procurar novas formas de representar e expressar minhas reflexões a respeito do tema até que encontrei o espaço da oficina de barcos do Clube de Remo do Botafogo. Esse local passou a ser meu foco do projeto onde posso trabalhar os conceitos de linha de fuga, rizomas, deriva e ruptura trazendo elementos do ambiente e da história do remo.



fundamentação



A visão de um modelo epistemológico pelos rizomas (Deleuze) possibilita relacionar minhas vivências e transformações dentro de um contexto organizacional de multiplicidade, heterogeneidade e movimento. Dentro desse conceito, investigo o exercício de dar vazão às linhas de fuga que podem determinar que a realidade se construa ao contrário do que o sistema estratificado pré determina.

Nesse sentido, através de conversas com dois atletas remadores experientes, busco identificar as linhas de fugas nas suas trajetórias e relacionar características em comum dessa interlocução para aprofundar conexões e metáforas (conversa modelo “aberta”).

Após a conversa, pude identificar a importância do fator movimento e o quanto o manter-se em movimento está associado a libertação e conexão com o presente. Mover-se é uma manifestação de distintas naturezas (corpo, pensamento etc.) e, nas conversas, o movimento de ruptura foi destaque. A ruptura, nesse sentido, é o movimento de contravenção do que se é esperado dentro das linhas não maleáveis (ou seja, o que é esperado dentro de um sistema social). A deriva é um movimento de ruptura pois é necessário tempo e uma renúncia dos motivos para atuar normalmente em suas relações e obrigações. Portanto, derivar-se é deixar-se levar pelas influências externas assim refletindo e permitindo o surgimento de novas reflexões e linhas de fuga.

propósito e diretrizes

A frase motriz do projeto é “A deriva do barco é levar-se pelo vento. A minha deriva é pelo pensamento.” porque ela expressa o objetivo de provocar uma reflexão através da experiência de deixar-se levar possibilitando geração de linhas de fuga e processos de subjetivação. Além disso, quando relaciono a deriva do barco pelo vento e a minha pelo pensamento, posiciono o sujeito (eu) como território e me disponho a ser atravessada pela experiência.

Ao longo da investigação me atento a trabalhar com o conceito do movimento, tanto o físico, mental e psicogeográfico através de vivências das derivações. Nesse sentido, crio e utilizo metáforas visuais para expressar os conceitos investigados.



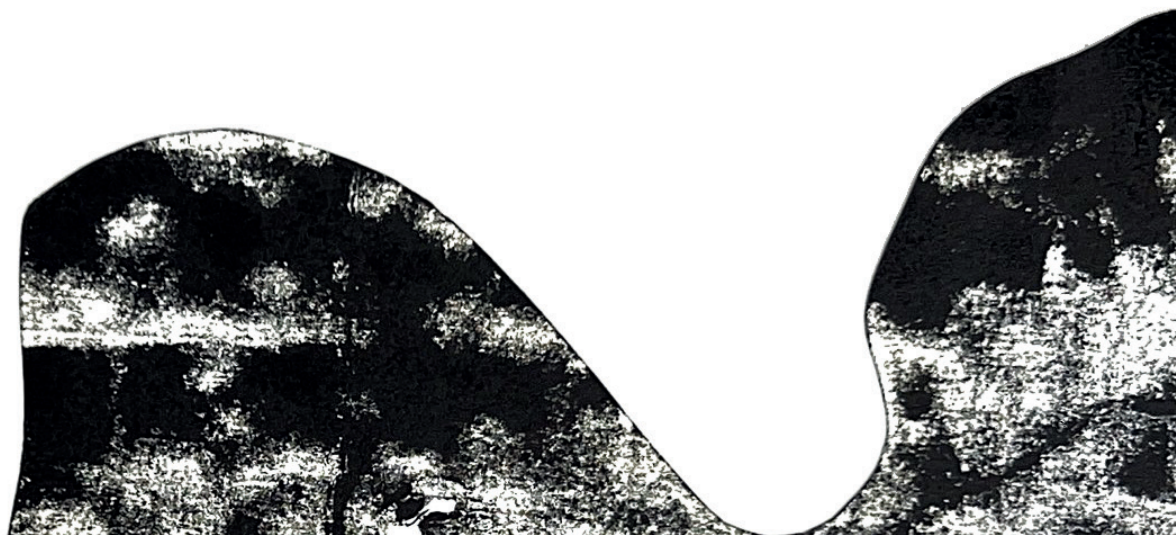
opção metodológica

O processo do projeto inicia a partir de um desejo de abordar assuntos inerentes a vida cotidiana: transformações, ciclos e mudanças. Assim, tomo como ponto de partida observações de vivências pessoais e busco relacionar elas com uma base conceitual.

Ao relacionar a experiência e teoria, noto uma expansão do tema e instituo novas potências de caminhos do projeto. Além disso, tendo em vista um território de projeto definido e projetando por meio de reflexões de vivências, utilizo conversas como método de pesquisa. Para essa pesquisa, escolho dois remadores com mais de 20 anos de experiência no esporte e conduzo uma entrevista “aberta”/“em

profundidade”: “o informante é convidado a falar livremente sobre um tema, e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões.” (Deslandes; Gomes; Minayo, 2008).

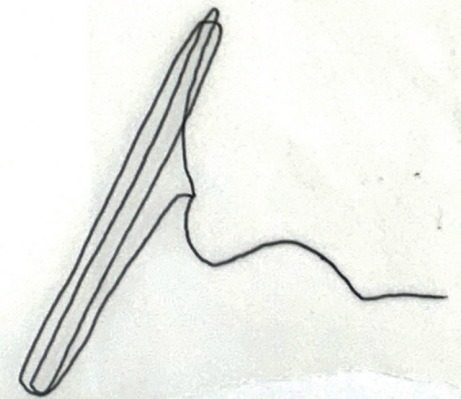
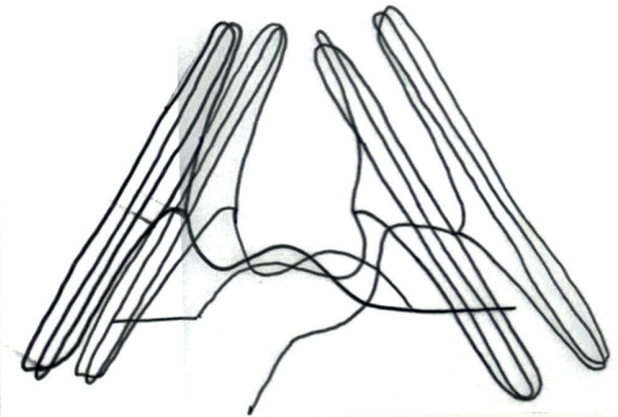
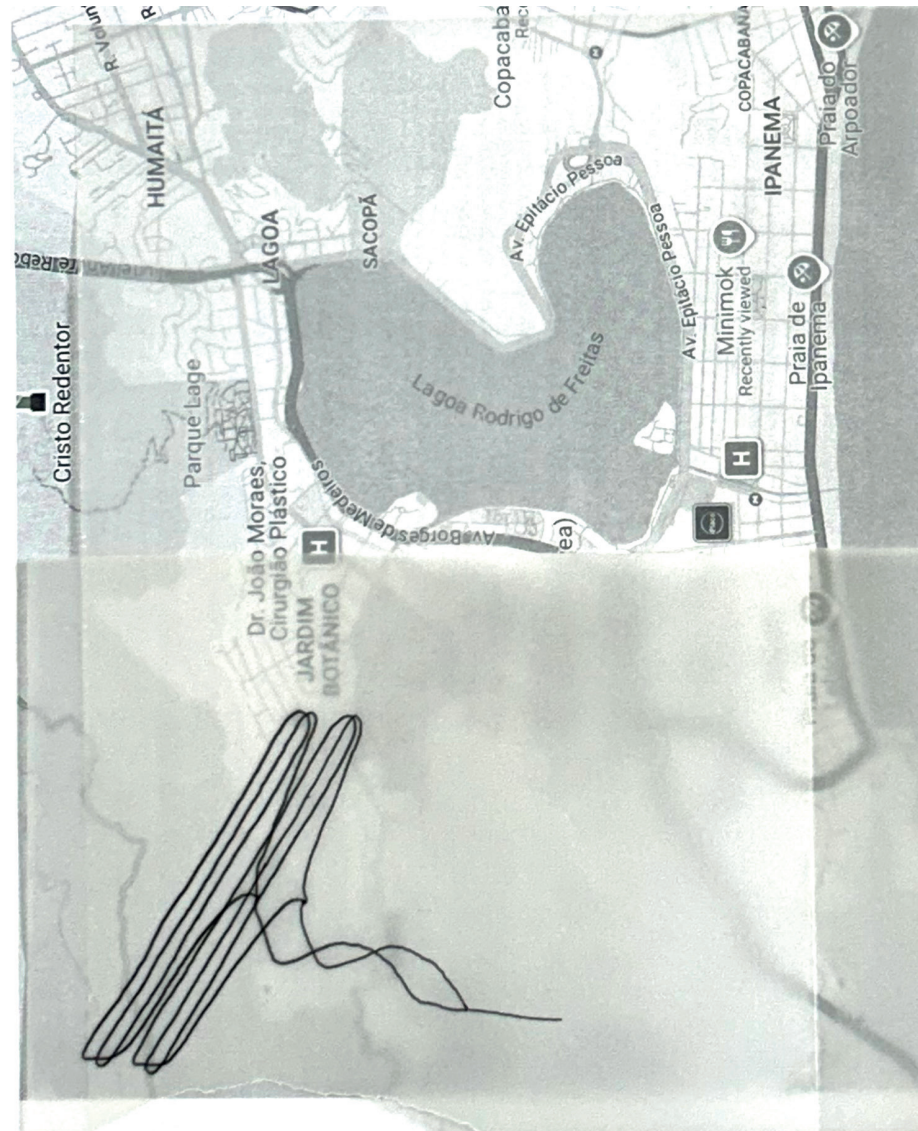
Assim, o processo metodológico se forma pelas novas conexões estabelecidas através das leituras e conversas com os dois remadores que me levam, conseqüentemente, a uma exploração prática pessoal da deriva. Essa prática é utilizada no processo projetual para criar metáforas visuais através da experiência de renúncia (demandas cotidianas) e deixar-se levar pelas solicitações do terreno escolhido; Lagoa Rodrigo de Freitas.



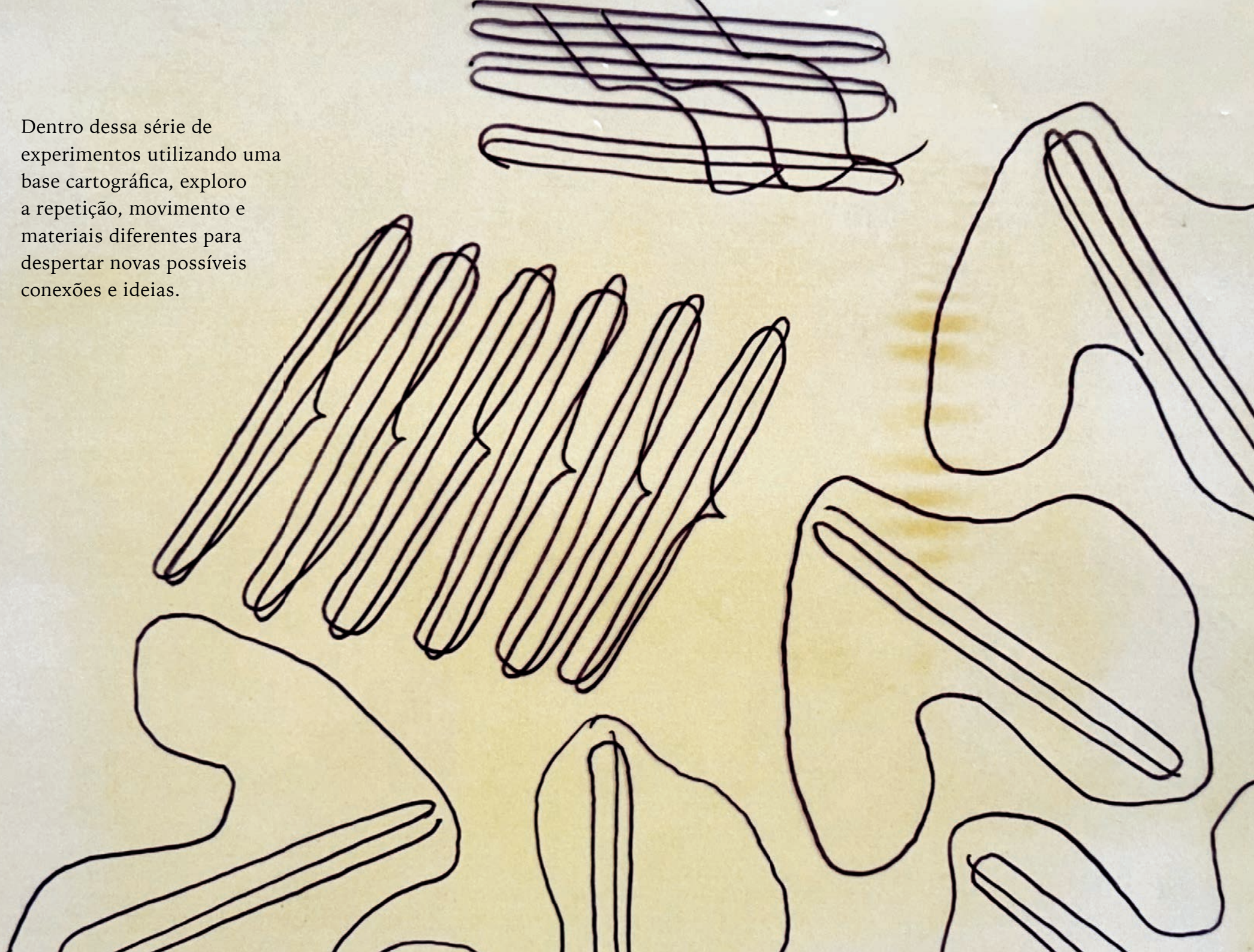


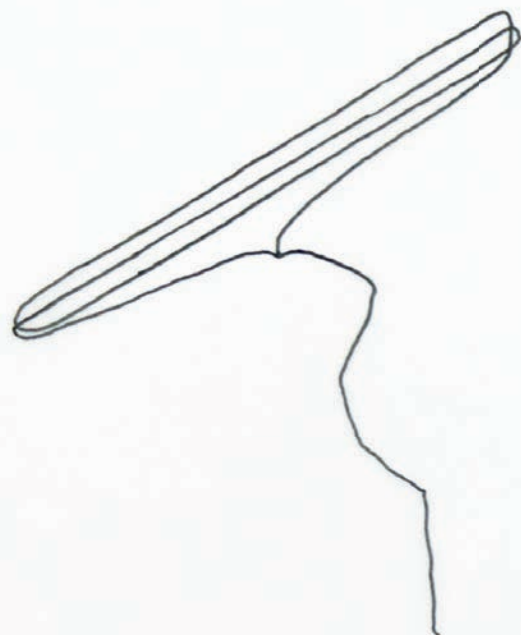
investigação
gráfica

Nos primeiros esboços de representação da deriva propus mapear as sensações e reflexões que ocorreram comigo durante a minha derivação no barco. Inspirada pelo texto de Debord, onde ele descreve um desenho de linhas a partir do trajeto de uma deriva, utilizei um mapa do território da Lagoa Rodrigo de Freitas para representar o meu percurso.

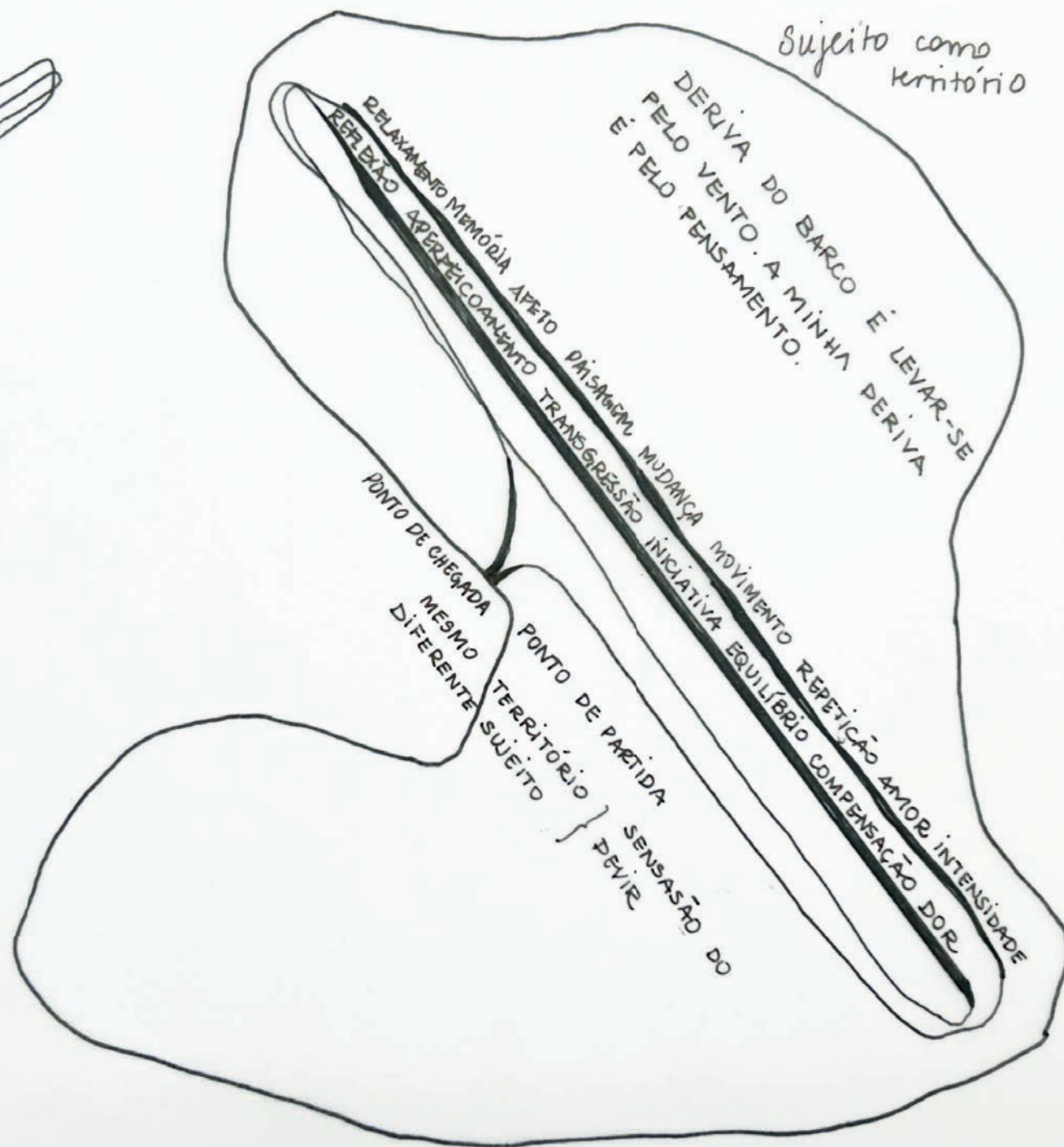


Dentro dessa série de experimentos utilizando uma base cartográfica, exploro a repetição, movimento e materiais diferentes para despertar novas possíveis conexões e ideias.





Nesse primeiro esboço,
utilizo a escrita como
ferramenta para expressar
com clareza os pensamentos
que tive durante a deriva.
Entretanto, me questiono
como posso dizer o que
escrevo sem usar palavras?



Sigo analisando os desenhos e também me pergunto quais são os aspectos que envolvem a deriva. As derivas englobam movimento, reflexão, processo, tempo, espaço, ruptura, corpo, mente etc. No experimento seguinte busco trabalhar em cima de uma dessas características e a partir do resultado dela planejo em adicionar novas camadas com novos aspectos da deriva.



Nos trabalhos com técnica de monotipia utilizo um molde de papel com o formato da Lagoa e meu objetivo é conseguir evidenciar a ideia de tempo e espaço.









descoberta carpintaria

A imersão do projeto em torno do tema deriva, movimento de ruptura e subjetividade, me sensibiliza de maneira que passo a enxergar meu entorno de forma mais crítica. Um dia, decido visitar a carpintaria do clube e percebo que olho para aquele lugar diferentemente de antes. Observo aquele espaço com potência e vejo a relação dos materiais com os conceitos do meu pensamento.

Através daquele portal do tempo, elaboro pensamentos em torno de questões abstratas. Ali, existe um ponto de encontro de manifestações de afetos que não são só minhas. Os objetos guardados sofrem ação do tempo e permanecem. Como posso trazer a reflexão de passagem do tempo concretizada nos objetos?



Maquinário com mais de cinco décadas de uso que segue funcionando.









A próxima etapa envolve uma imersão dentro do espaço da carpintaria e investigação da relação da materialidade da carpintaria e a materialidade da deriva na lagoa e os conceitos estudados.

Nesse sentido, pretendo trabalhar com objetos que tenho a permissão de utilizar como os equipamentos quebrados que não tem uso, restos de madeira, alumínio e plástico que sobram da produção na carpintaria.



A carpintaria, inicialmente, parece que está estável e parada no tempo. Por um lado, sim, existem muitas memórias guardadas e preservadas lá. Por outro lado, a vida que habita na carpintaria de remo pulsa nos detalhes e está constantemente mudando.

A frequência diária na carpintaria foi fundamental para a percepção de manifestações sensíveis. Pela insistência do tempo investido em estar lá percebo que, se iria me posicionar como território e não sujeito, era necessário ter respeito ao tempo da coisa que iria de encontro a mim. Esse momento de imersão no espaço teve como objetivo deixar que aqueles elementos dialogassem comigo, por isso em todas minhas visitas levava um caderno de desenho, canetas e meu celular para registro.

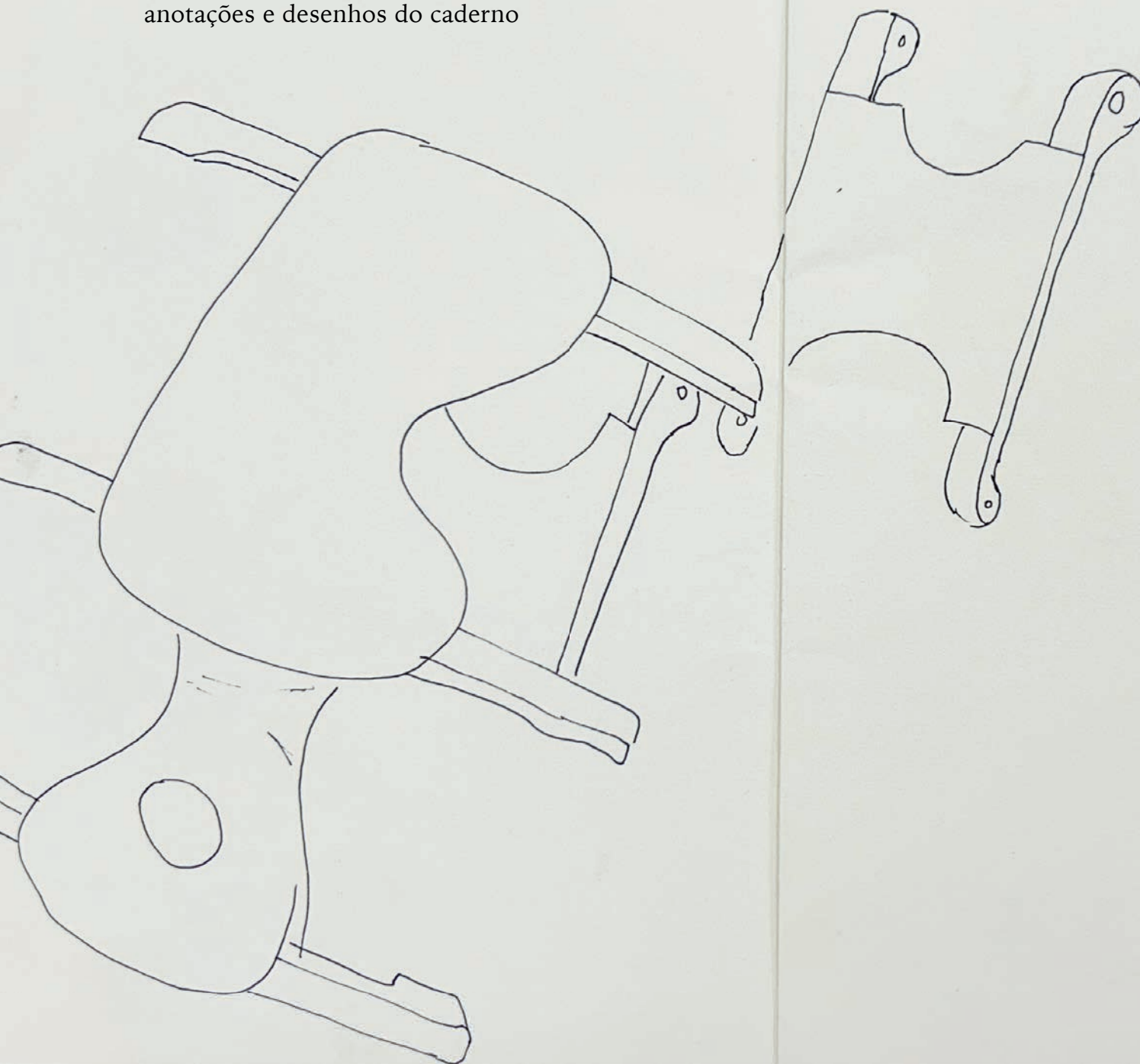


Sem roteiro, desenhava e anotava o que sentia, observava e cheirava. Nessa etapa, percebi que, diferente das sensações de deriva ao remar, derivar na carpintaria me abria novos lugares de reflexão onde corpo e as mãos acompanhavam o pensamento.

Investigava a deriva na brincadeira com equilíbrio dos objetos, no registro de fotos, desenhos, manuseamento dos objetos ou ouvindo o barulho ao redor. Assim, cavava novas possibilidades de como enxergar aquele espaço.



anotações e desenhos do caderno



Conversar com o
material, deixar que
me ensine. Não
impor a coisa,
conversar.

Aprender com
a não-objeto.
já não é remo,
barco, barco. O
que a coisa me
diz?

Só bastou uma
gata respirar
perto que tudo
se reorganiza.
Não temos
controle.

Nem muito
transformado.
Caída, desequilibrada?
Não. Equilibrada
só em outro eixo.

capitulos de
cabeca p/1
de
haixo
segundo o
supor
lugar
construir
"cultura"
"meteta"

Objetos que despertam
nostalgia de um
sentimento vivido por
outros. Dejo de se
relacionar com essas
histórias

repetição

reaproveitamento

Resignificação está na transformação e está no movimento

ra chadun tar

poeira
gambiarra

É um rastro

fragments
pedals

marcas do movimento
marcas da ação do tempo

Encontro com a inevitabilidade da ação do tempo sobre o mundo

confusão

caso mental

vigas metal

4 sustinencia

da quel ambiente

específico

Oficina de barros

música de
anos diferen
...

Despertar história

Deriva é o processo

A janela e a vista
de todos os dias
a mesma janela

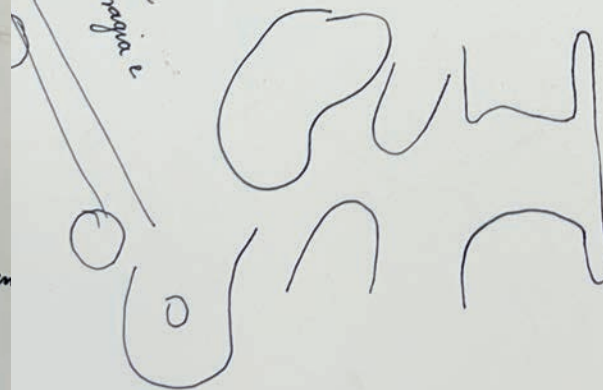
Semanações mudam
Quem muda somos
nós.

objetos que despertam a lembrança.

Não estão aqui para
señar outro propósito
Baltazar
Báu. ~~Barco~~. Barco.
Madeira. Padeira.
Memória. Afeto.

Equilíbrio
Através do
movimento

Order per
historia
societatis
municipalis



" Todos os dias uso o mesmo barco com a mesma regulagem. Só eu uso. Cada dia saio com uma enxada diferente. Não é o barco. Sou eu que não sou a mesma. "

- Mann.



Observo os vestígios: me interessa trazer os elementos de passagem de tempo concretizado nos objetos: Poeira, furos, marcas, desgaste e ranhuras.



sobra de material da produção
de rodinha do carrinho

O elemento que mais me chamou atenção foi o baú de ferramentas. Esse baú foi ao longo das visitas me revelando muitas histórias importantes para a construção do clube e se tornou um objeto de protagonismo no meu processo de projeto. Esse baú pertenceu ao Baltazar, figura notável que nasceu em 1924 e morreu aos 87 anos em 2011. Seu Baltazar nasceu em Portugal mas dedicou grande parte de sua vida ao remo no Botafogo onde atuou como remador, treinador e construtor naval. Seu legado no Botafogo é imensurável e o baú no qual armazenava suas ferramentas para construir barcos de madeira permanece intacto. Encontrei muitas ferramentas que hoje não são usadas e ficaram obsoletas, mas da forma imponente e íntegra que o baú preenche a carpintaria é possível revelar muito valor e respeito à memória de Baltazar.



Caminho em território familiar
Tudo o que vejo conversa comigo
Desperta curiosidade o que é, para que serviu, quem já tocou, quando
deixou de ser, o que é ser isso hoje

Quantas pessoas colocaram suas
mãos naquele lugar? O lugar de encontro de
histórias

Paralisado e nostálgico

A janela da mesma

visão. Todos os
dias, dia-a-dia

Construção, oficina
com aparatos da
da.

Parcenaria de
Derivas

Me isolo lá
estou repleta de
marcas do passado.

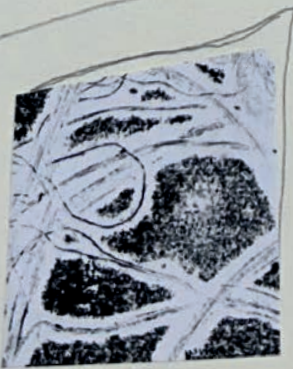
do lá e marco
presente
servo lá e
olho para o
futuro.

Respeito
cada pedaço, cada ferrugem, fuligem
poeira, caco, fiapo, pegada, rastro

Tudo ali é efêmero
frágil
no mesmo
tempo
um universo da
permanência

Descontrole
da que já
é permanente

Viajo naquele
espaço, mergulho em
um baú
Entro por uma porta
atravessando a camada de
ozônio
Da janela vejo terra
Olho para dentro e
vejo constelações



Um baú preservado
Pela importância que deu ao clube
Ferramentas de quem construiu história
Com as próprias mãos
Ficam as ferramentas, vão as mãos, recupero a história

O peso, o nome novo
mas é antigo. Segurar aqueles objetos é como
reviver uma vida de um desconhecido familiar

Manuseio de um tempo que não existe mais
O tempo da demora, da paciência e maior permanência
Por isso imagino que ficaram. Apego aos tempos, ao que ele construiu.

Sinto vento na nuca, corpo relaxado, barulho de água e motor de barco ao fundo. Não penso em ganhar nada, aqui sinto que estou envolta de preciosidades e aceito a vida como ela é. É inevitável, passa. As ferramentas ficam, comigo vem o que construí.



Há uma forte conexão com a manualidade ao longo do processo, pois é por meio do toque que estabeleço vínculos com os objetos. Além disso, a maioria dos itens que encontro é artesanal ou projetada para ser ergonômica para as mãos. Tanto no remo quanto na manutenção dos materiais utilizados, a técnica e a precisão manual são fundamentais.

As marcas das mãos são os calos, já dos objetos existe uma riqueza ainda maior. Observo essa conexão dos materiais com minha narrativa e foco no que é revelado pelos recursos do tempo com manualidade: buracos, furos, riscos, ranhuras, manchas, ferrugem, poeira, desgaste.





na página anterior- mesa
de trabalho na carpintaria

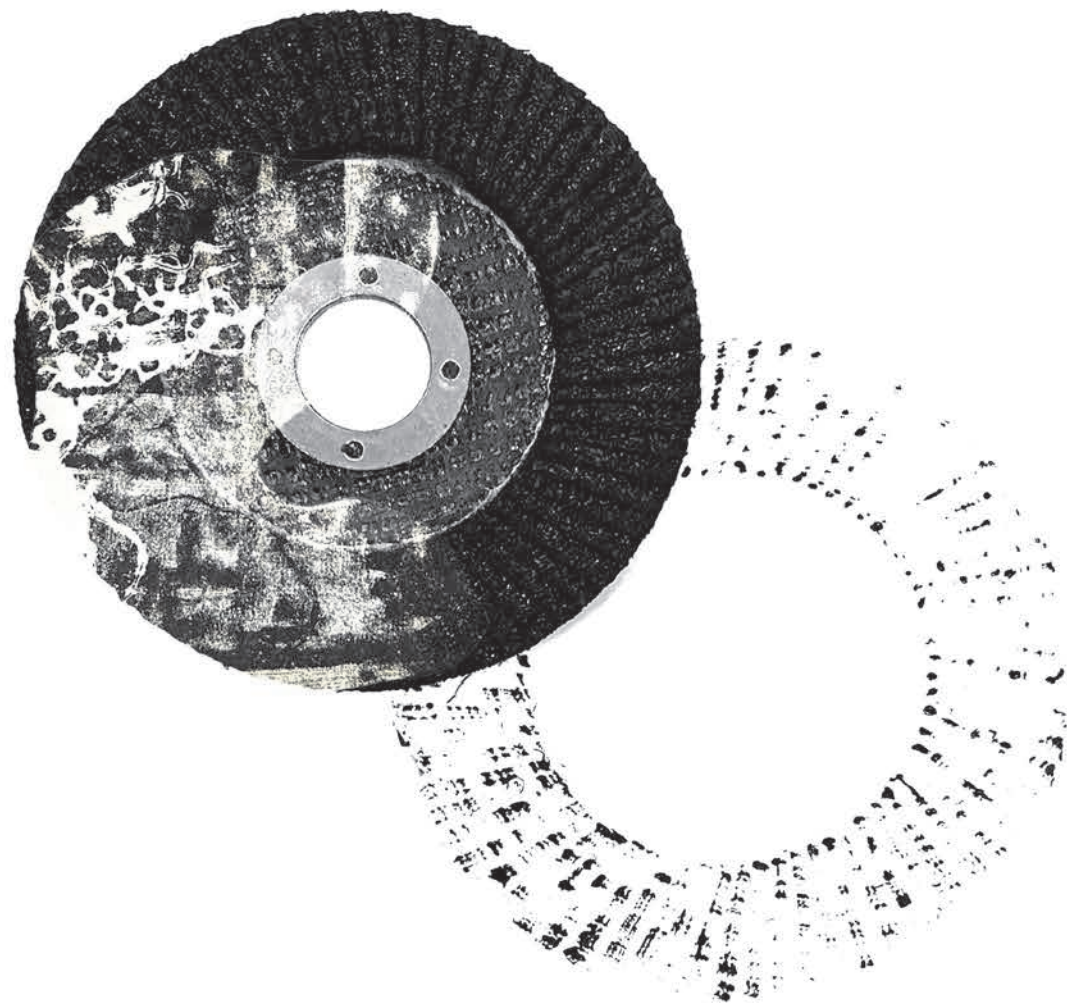
Experimento a técnica de
monotipia para extrair as
marcas de broca em um
pedaço de madeira.

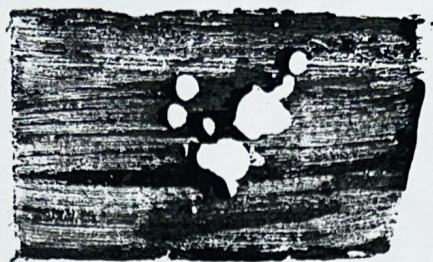


A partir desse experimento, noto potencial em trabalhar com monotipia de objetos que já tiveram algum uso na carpintaria. Assim, coleciono lixas gastadas, um rolo de ferro e um toco de madeira com furos de broca.

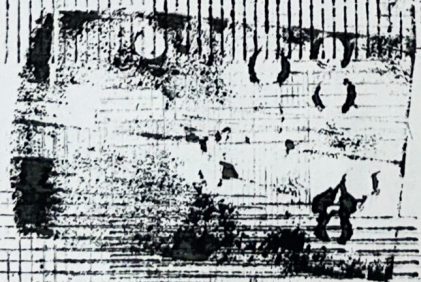
Esses objetos foram encontrados por acaso. São materiais que não tem um uso e estão guardados. Através desses objetos, é possível enxergar marcas da ação do tempo daquele ambiente específico, assim contam com uma autonomia carregando histórias e efeitos do desgaste.

A monotipia é a técnica de impressão artística que consiste em transferir uma imagem de uma superfície para um suporte produzindo uma gravura única. Pelo movimento de imprimir os objetos da carpintaria no papel, transformo a coisa atribuindo um novo sentido e dando destaque a ela.





monotipias com madeira
e guache



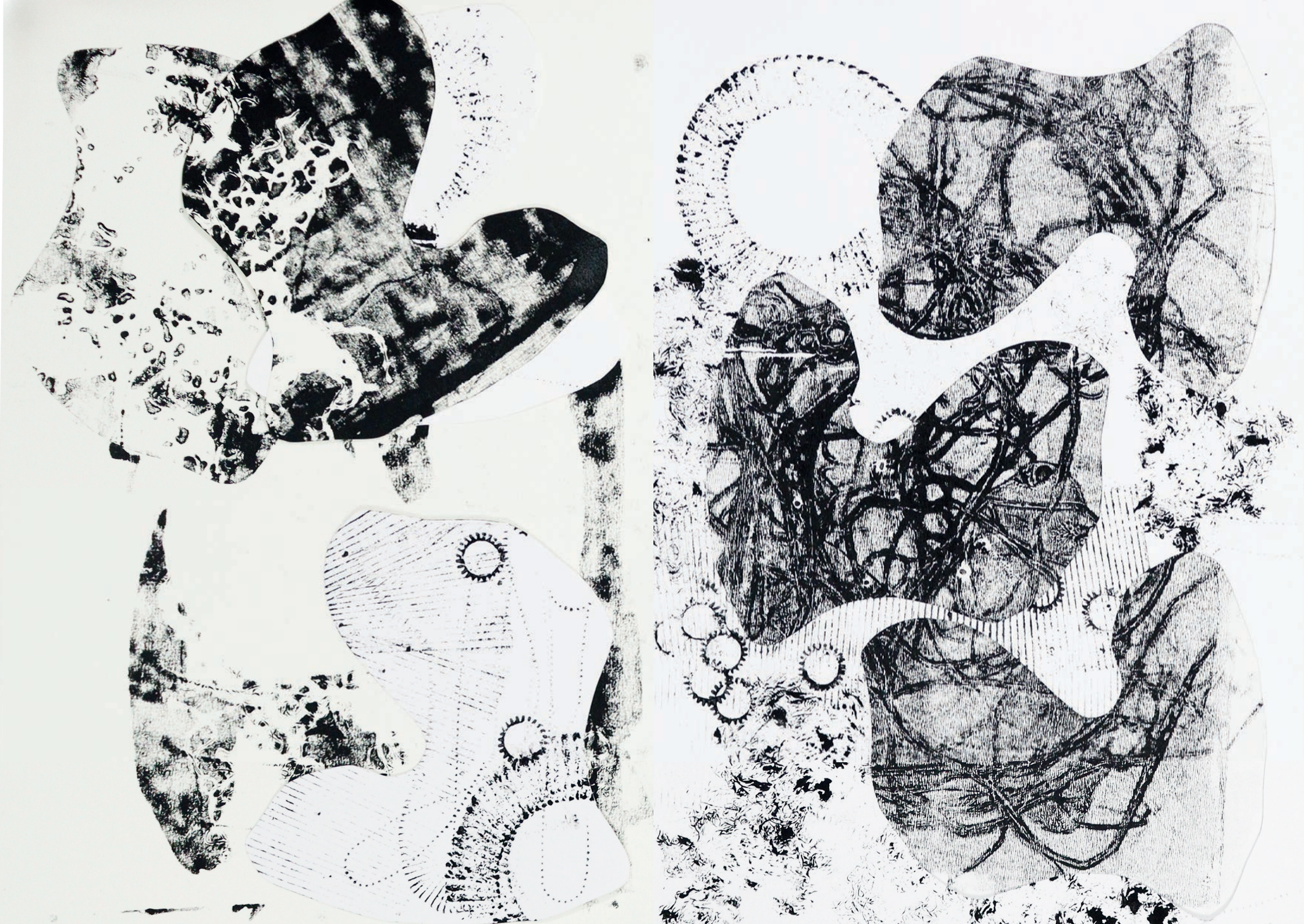
“Essa dimensão do meio em que um acontecimento assume a possibilidade de formar novos fluxos entre os elementos é o devir”

RIBEIRO, Tiago; DE SOUZA, Rafael;
SAMPAIO, Carmen Sanches, 2018

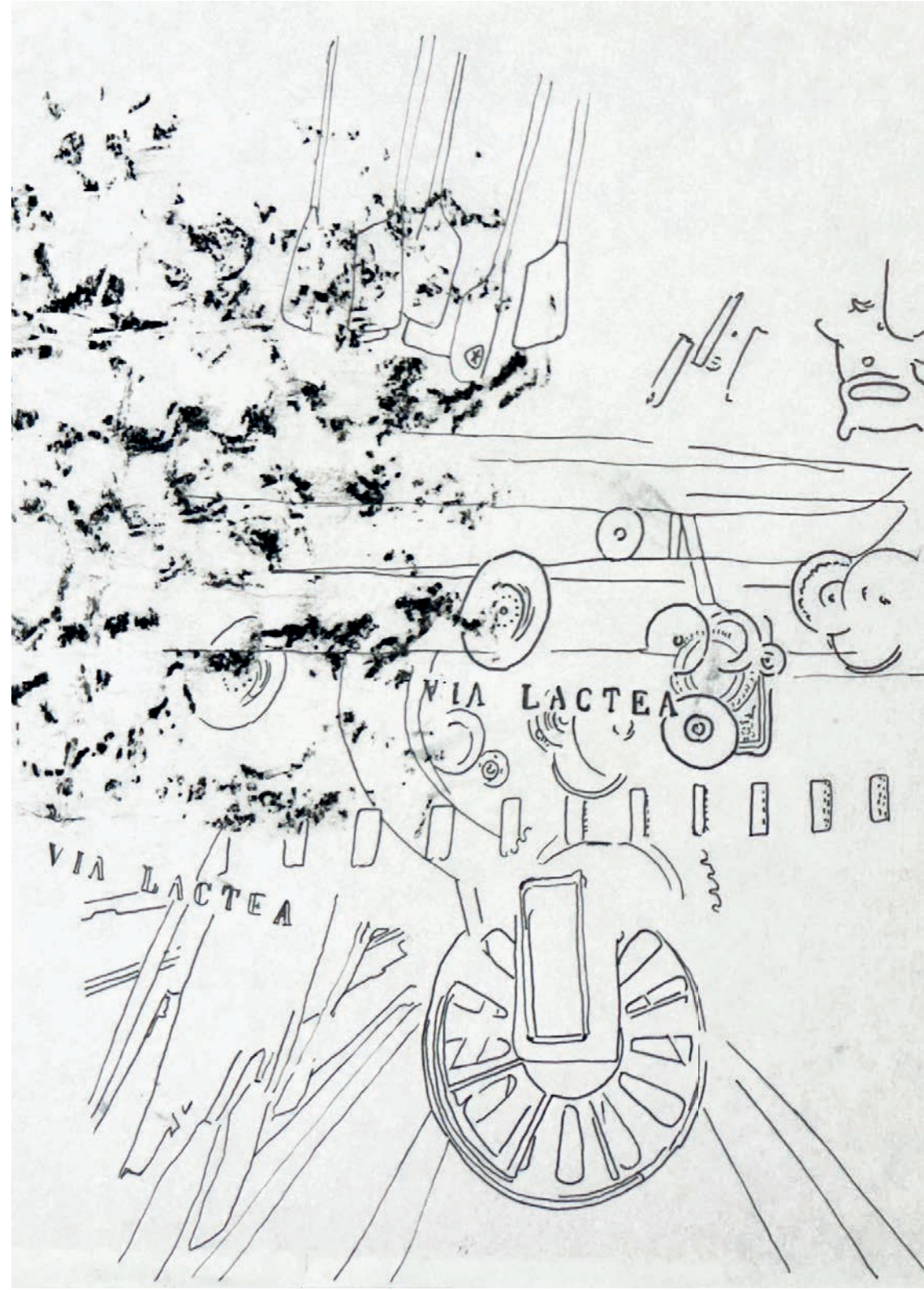
desenho com o rolo de
textura e guache

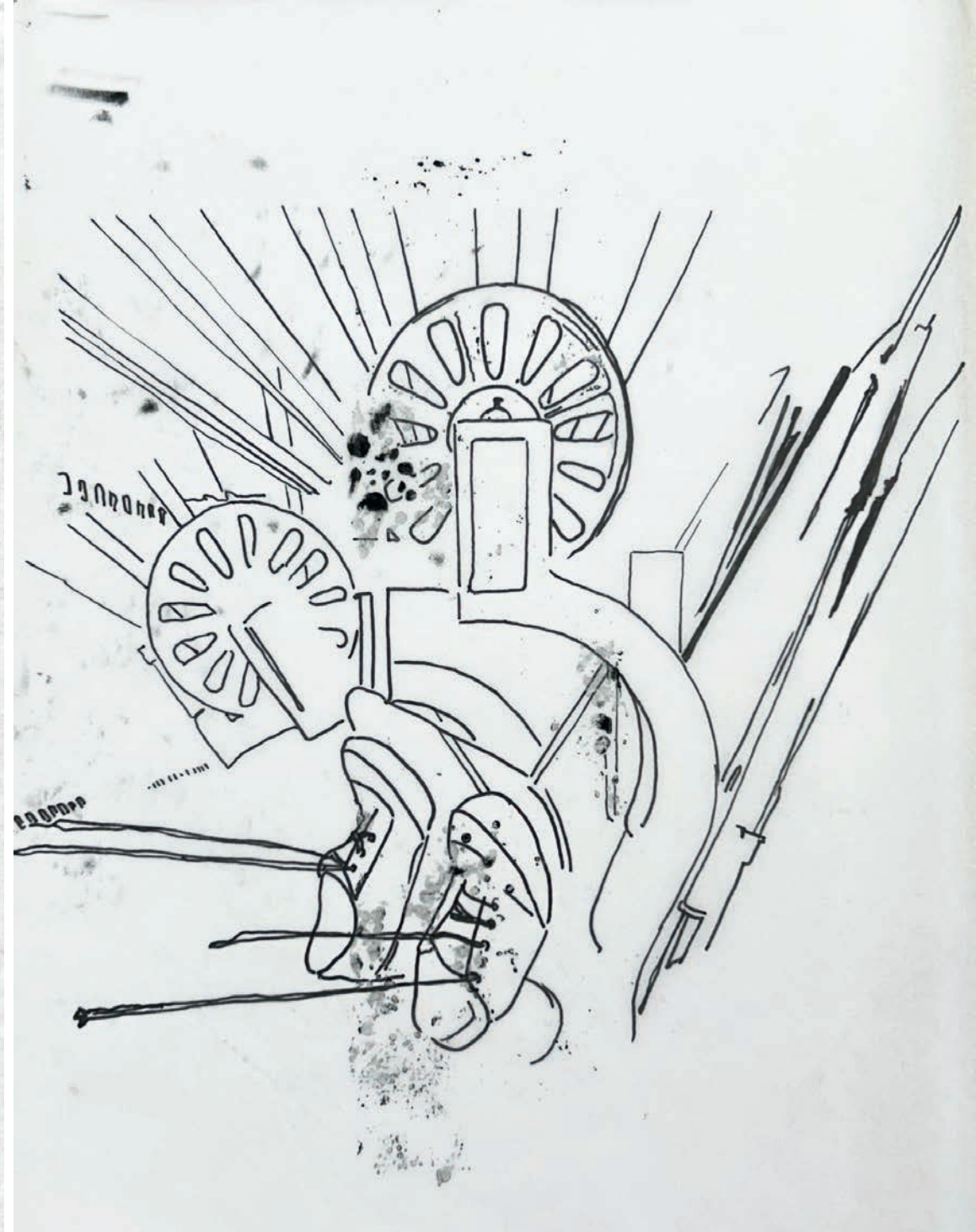
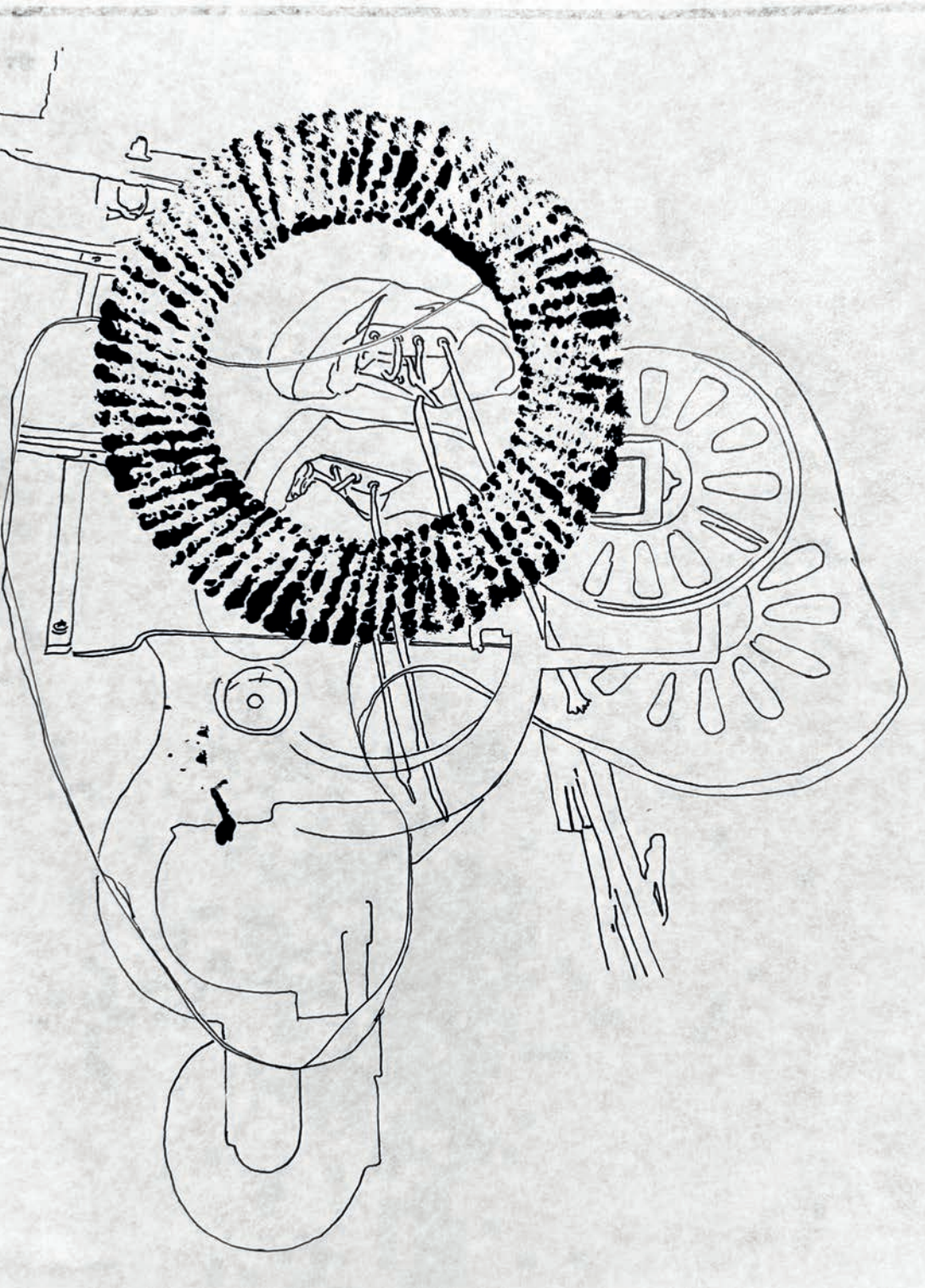


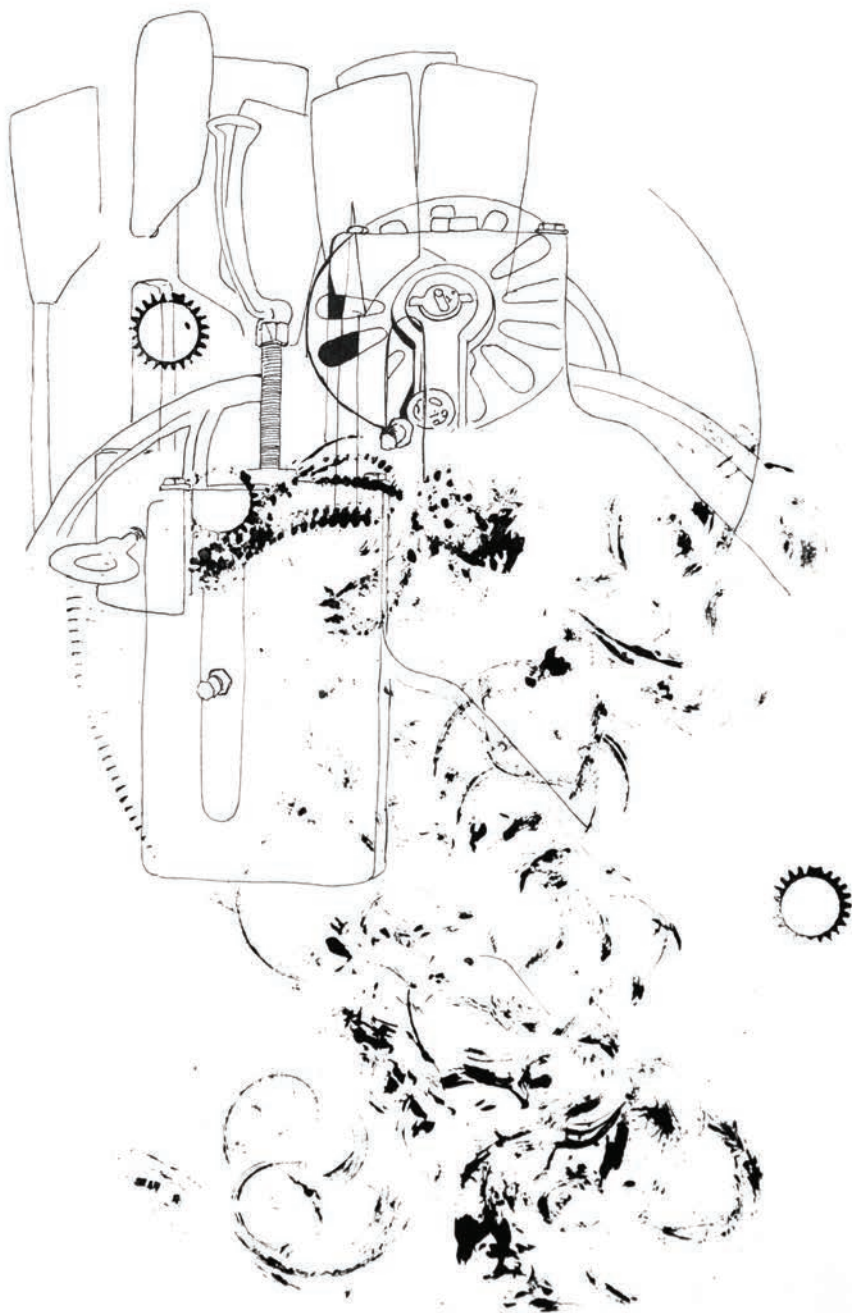
A produção resulta em
diferentes resultados
que, sobrepostos geram
novas composições



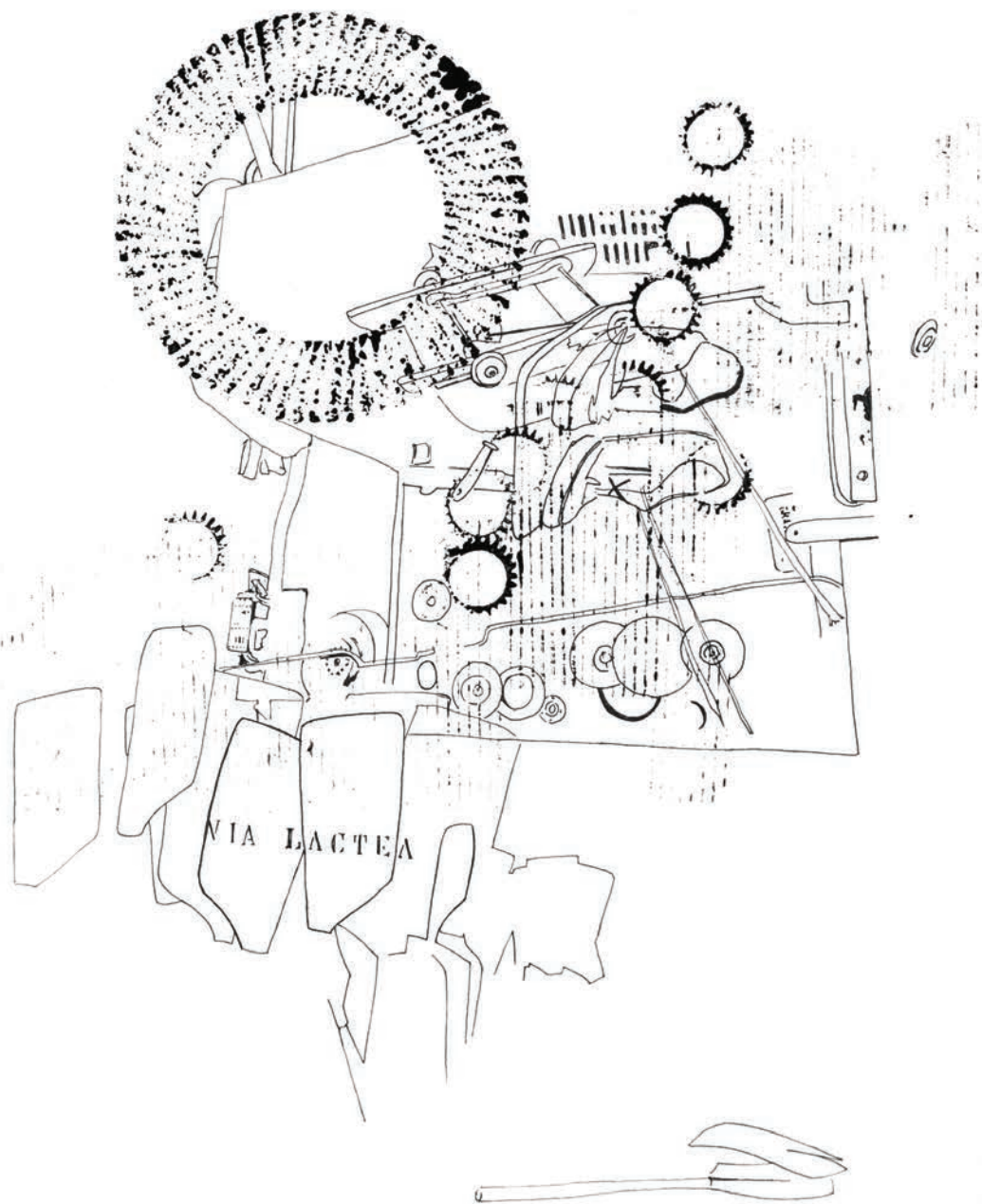
Além da monotipia, retomei os desenhos, agora explorando as formas e linhas dos objetos, assim como o espaço da carpintaria. O objetivo deste estudo é compreender as relações que emergem nas formas registradas do ambiente e transferi-las para uma composição em que diferentes elementos da carpintaria se conectem e se interliguem de maneira harmônica.



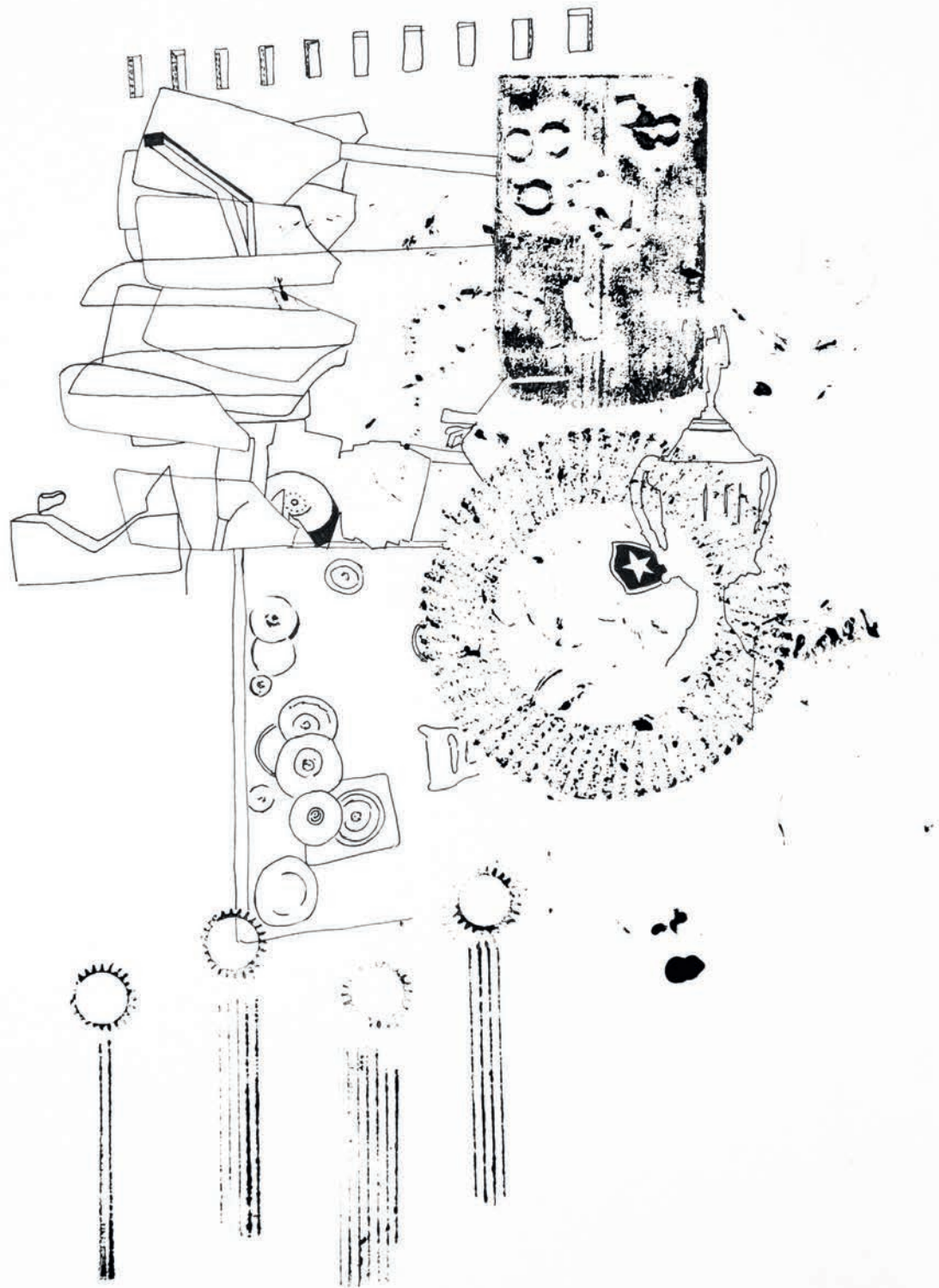




Meu estudo sobre as linhas de fuga e movimentos de ruptura dentro da carpintaria no contexto do universo esportivo do remo, proporcionou uma maneira de compreender além da minha experiência pessoal a forma de relação com a transformação e fluxos derivados com a conexão com o presente. Além dessa expansão de uma visão enviesada, passo a valorizar os resultados de rastros e marcas do tempo, tanto em nós mesmos quanto no espaço.



Explorar a carpintaria revela histórias contadas a partir dos objetos que encontro e, a citação deles no desenho tem como objetivo revelar um pouco dessa narrativa. Reviver história e memória é viver um pouco do que já passou nos fazendo olhar para o passado e nós mesmos.



A prática dos experimentos proporcionou o entendimento que formas geradas no papel são consequências de movimento de improviso. As manchas gráficas percorrem um caminho sendo rastros de ação das mãos e o inconsciente.

A textura, a forma, a intensidade das manchas são fatores que vão definir a narrativa através de cada desenho.



monotipia e desenho com
guache

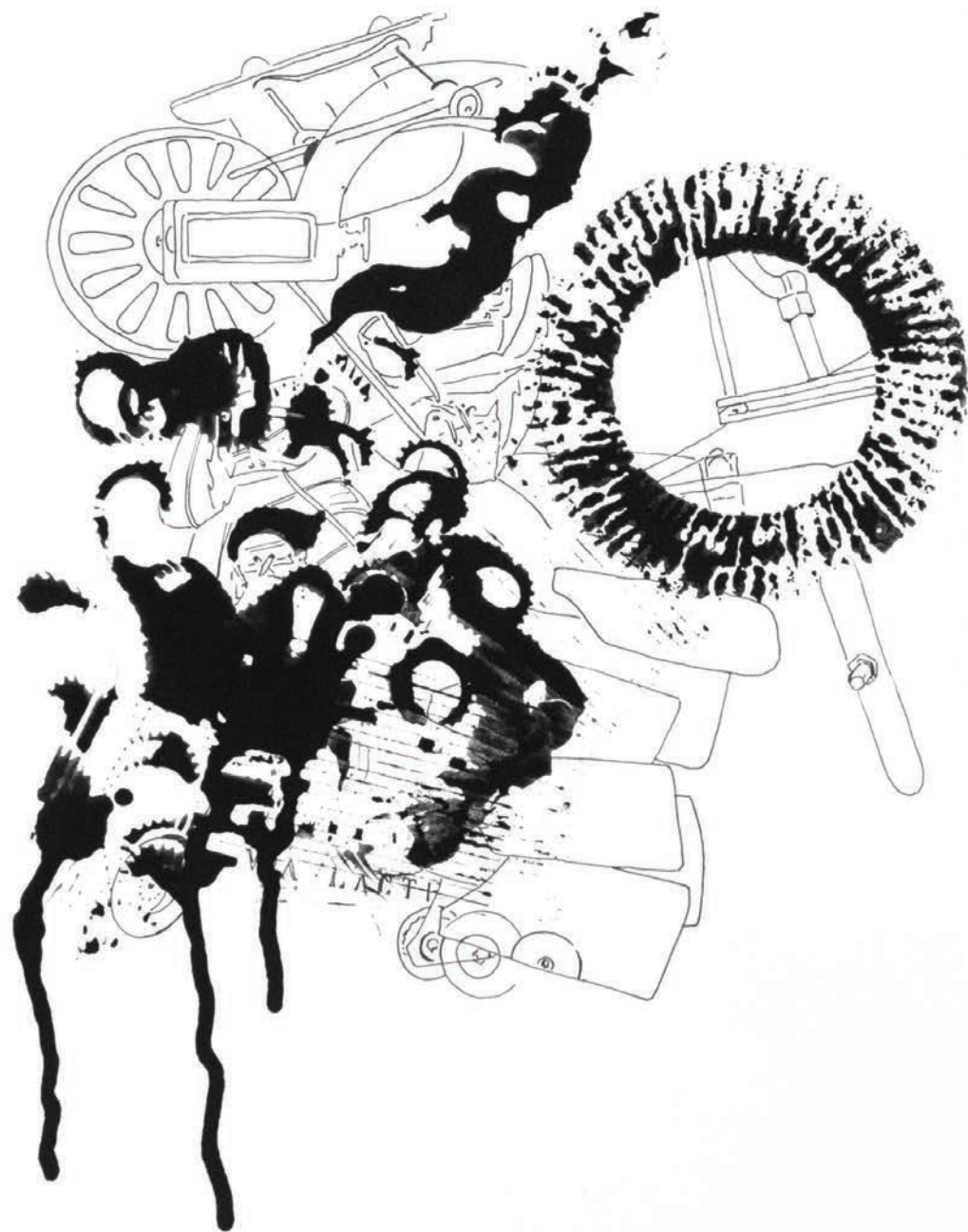


colagem de dois desenhos
da monotipia com guache



Trazer uma tinta aguada resultou em um diálogo mais rico em relação a reflexões geradas e um estreitamento mais forte com minha narrativa. Nesse sentido, criar com água produz resultados imprevisíveis com os movimentos dinâmicos do fluxo da água. Isso contribui para reforçar o conceito do devir e tornar o processo em si mais parecido com a experiência das derivas em que temos que estar vivendo o processo no agora e enfrentando o resultado do acaso como novos desafios.

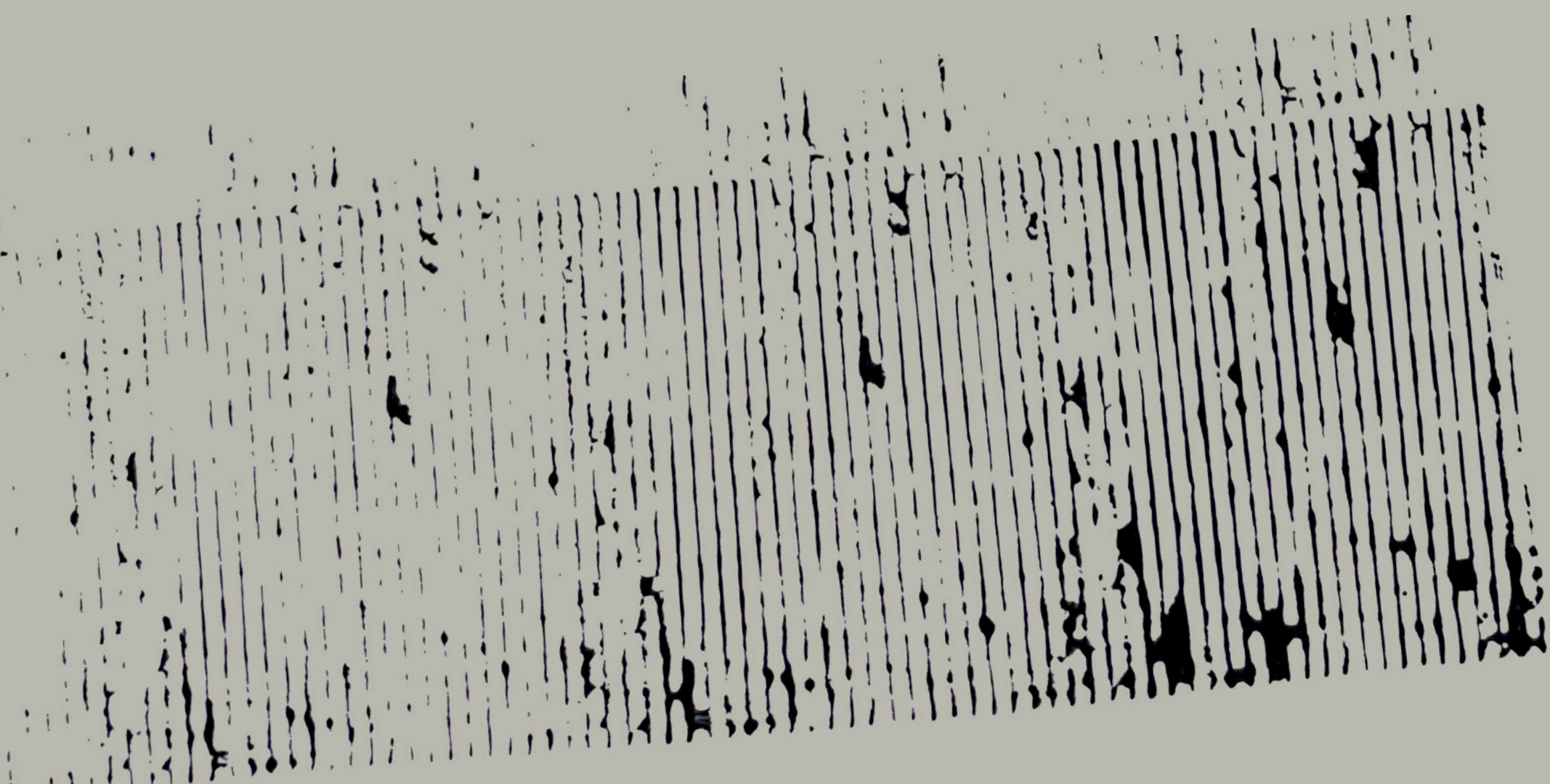












publicação

texto introdutório na publicação

Barcos intitulados de estrelas e constelações, sou ejetada e transpasso uma porta que me revela um novo universo. Navego mas estou de costas, sempre olhando ao que passa mas sem mirar ao que vem a frente. Sigo indo, em busca da reta perfeita que não existe. Avante, bombordo e boreste, os pés me levam embora, tropeçam e também se encarregam de trazer o leme. Sinto vento na nuca, corpo relaxado, barulho de água e motor. Manuseio de um tempo que não existe mais.

Encontrar o que não se procura, mergulhar ao imprevisível, criar pela brecha do que está normatizado, perceber a riqueza dos elementos nas composições do tempo. Assim formar com pedaços e vestígios da experiência subjetiva e do inconsciente que se dão no encontro e no desencontro.

A dimensão do meio em que um acontecimento assume a possibilidade de formar novos fluxos entre os elementos é o devir. Deste modo inicio minha imersão na carpintaria de remo do Botafogo, onde transformo através da renúncia o que está normatizado e atribuo novos valores aos objetos que observo. A atmosfera da carpintaria me envolve e atravessa. O acaso me dá pistas de um norte desconhecido. Dalí crio diálogos sobre memória e transformação apenas por me deixar levar pelas solicitações do espaço e pelos achados que ele corresponde.



deriva e ruptura

Maria Clara Lewenkopf

O processo resultou em vários desenhos e optei em juntá-los em uma publicação que sintetiza o conceito do projeto.

Será feito em formato A4, preto e branco, impressão a jato de tinta no papel pólen, formato canoa e capa em papel pergaminho branco com monotipias impressas manualmente.

As coisas em minha posse são um recipiente de
sentimentos e memórias. A história que se acumula
com o uso prolongado as anima em coisas do coração.

- Chul Han

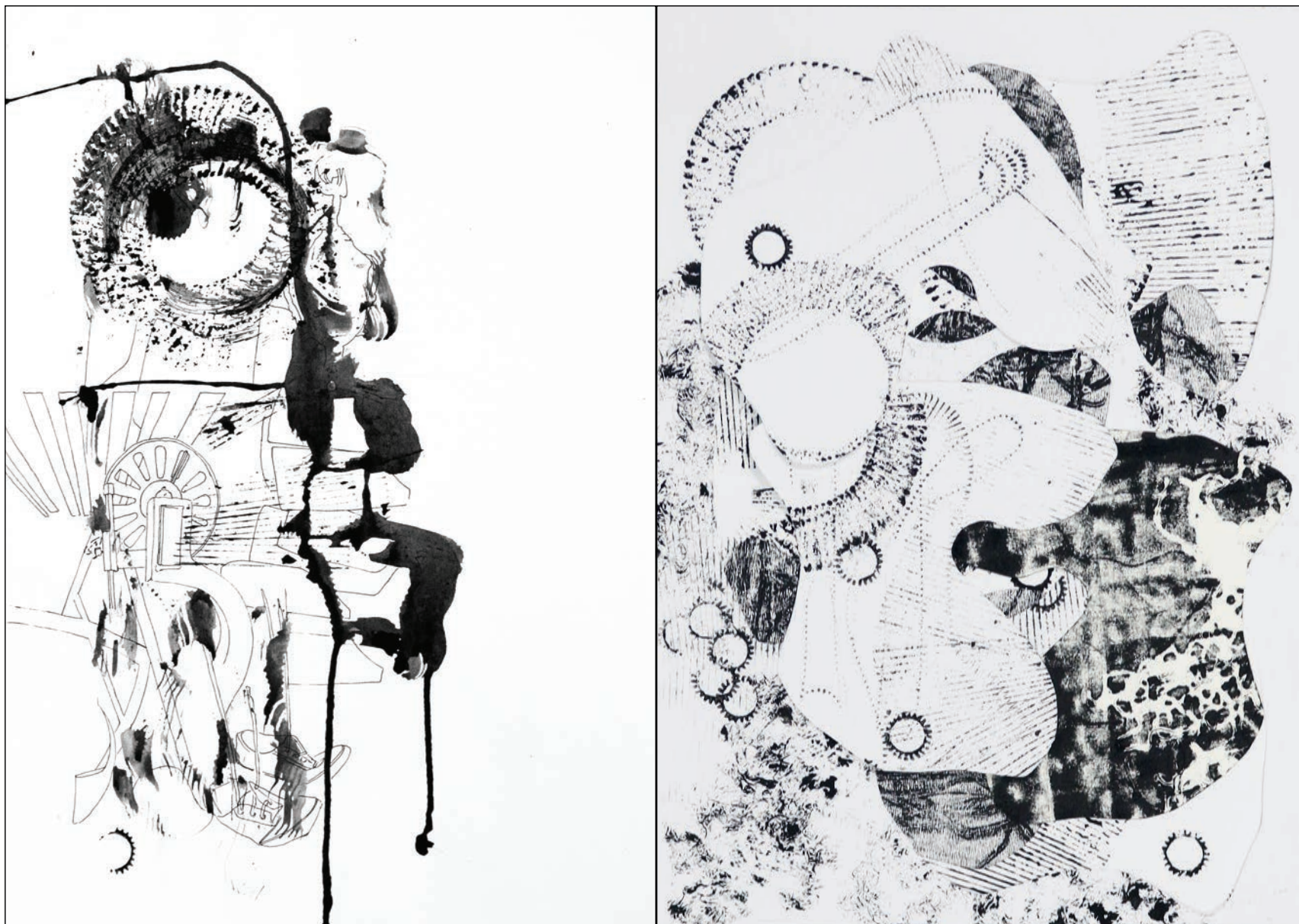


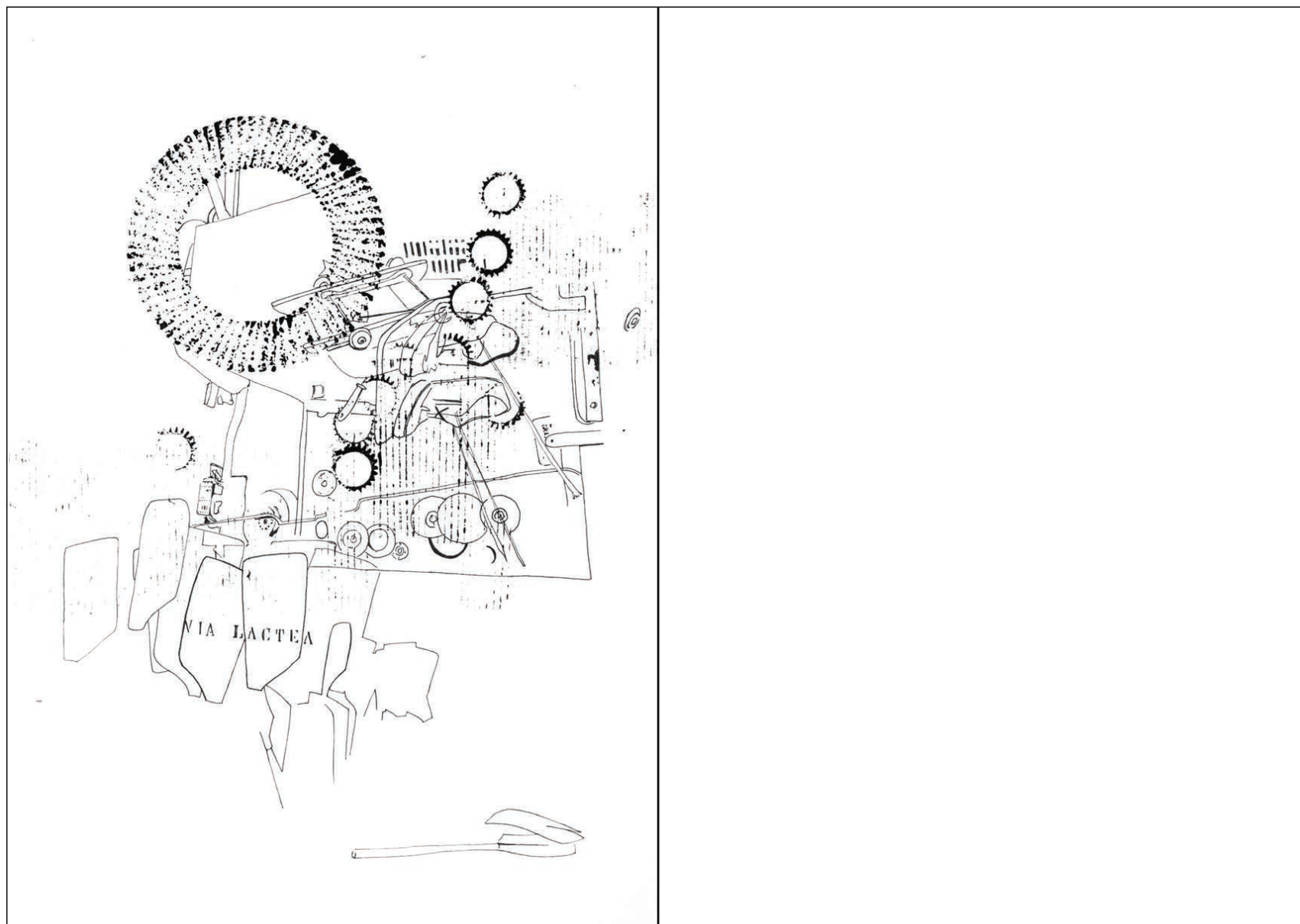


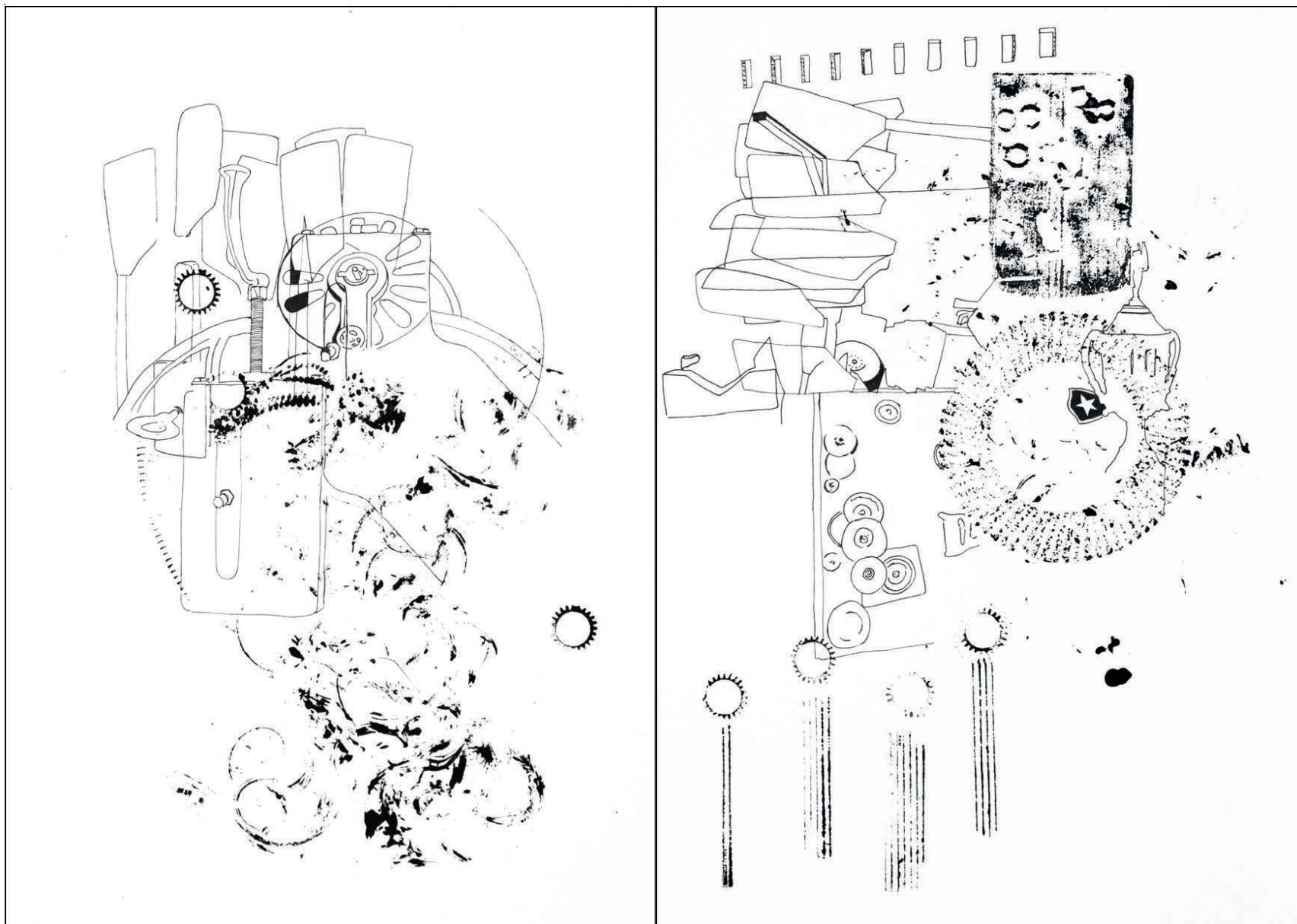
Barcos intitulados de estrelas e constelações, sou ejetada e transpasso uma porta que me revela um novo universo. Navego mas estou de costas, sempre olhando ao que passa mas sem mirar ao que vem a frente. Sigo indo, em busca da reta perfeita que não existe. Avante, bombordo e boreste, os pés me levam embora, tropeçam e também se encarregam de trazer o leme. Sinto vento na nuca, corpo relaxado, barulho de água e motor. Manuseio de um tempo que não existe mais.

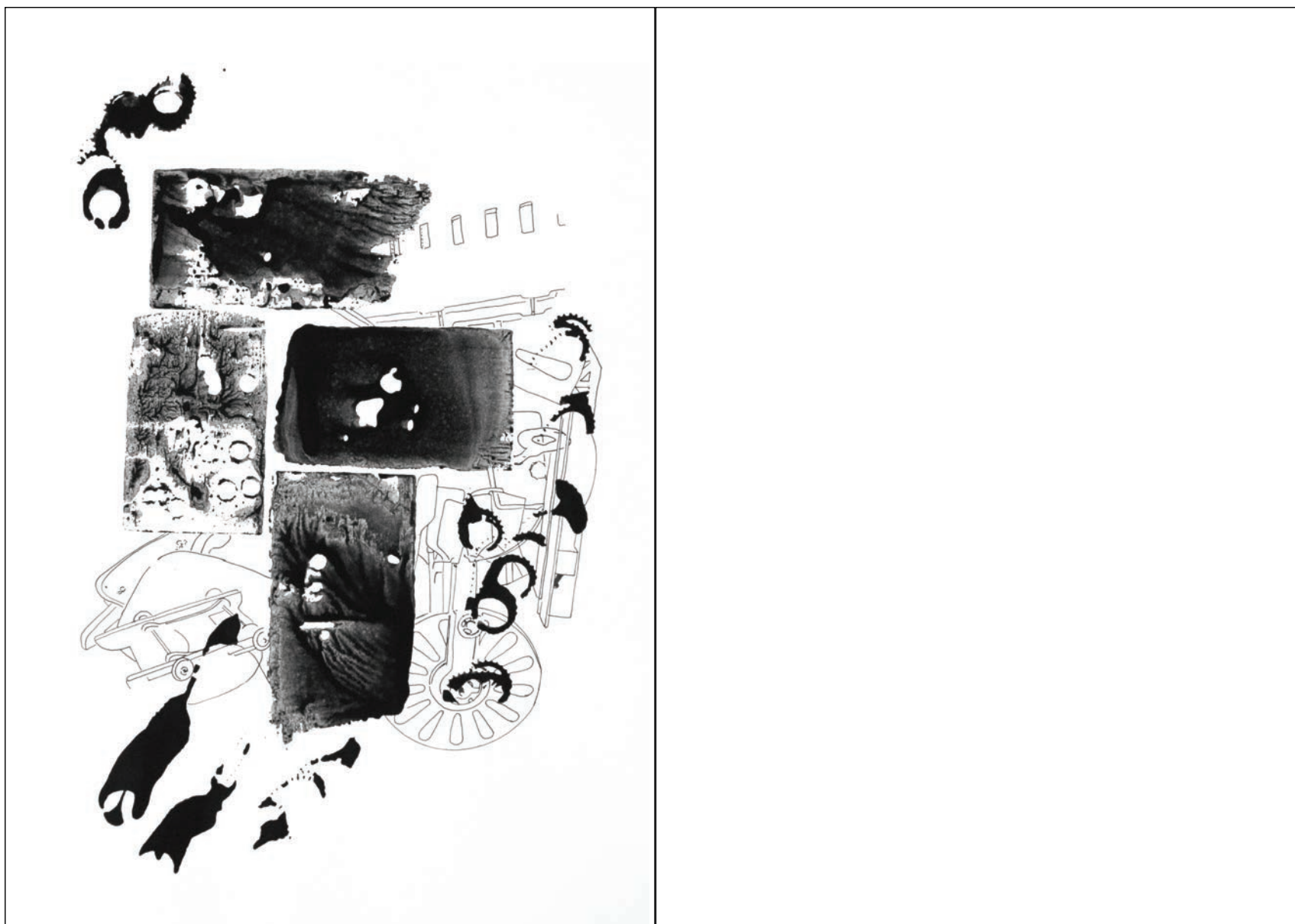
Encontrar o que não se procura, mergulhar ao imprevisível, criar pela brecha do que está normatizado, perceber a riqueza dos elementos nas composições do tempo. Assim formar com pedaços e vestígios da experiência subjetiva e do inconsciente que se dão no encontro e no desencontro.

A dimensão do meio em que um acontecimento assume a possibilidade de formar novos fluxos entre os elementos é o devir. Deste modo inicio minha imersão na carpintaria de remo do Botafogo, onde transformo através da renúncia o que está normatizado e atribuo novos valores aos objetos que observo. A atmosfera da carpintaria me envolve e atravessa. O acaso me dá pistas de um norte desconhecido. Dalí crio diálogos sobre memória e transformação apenas por me



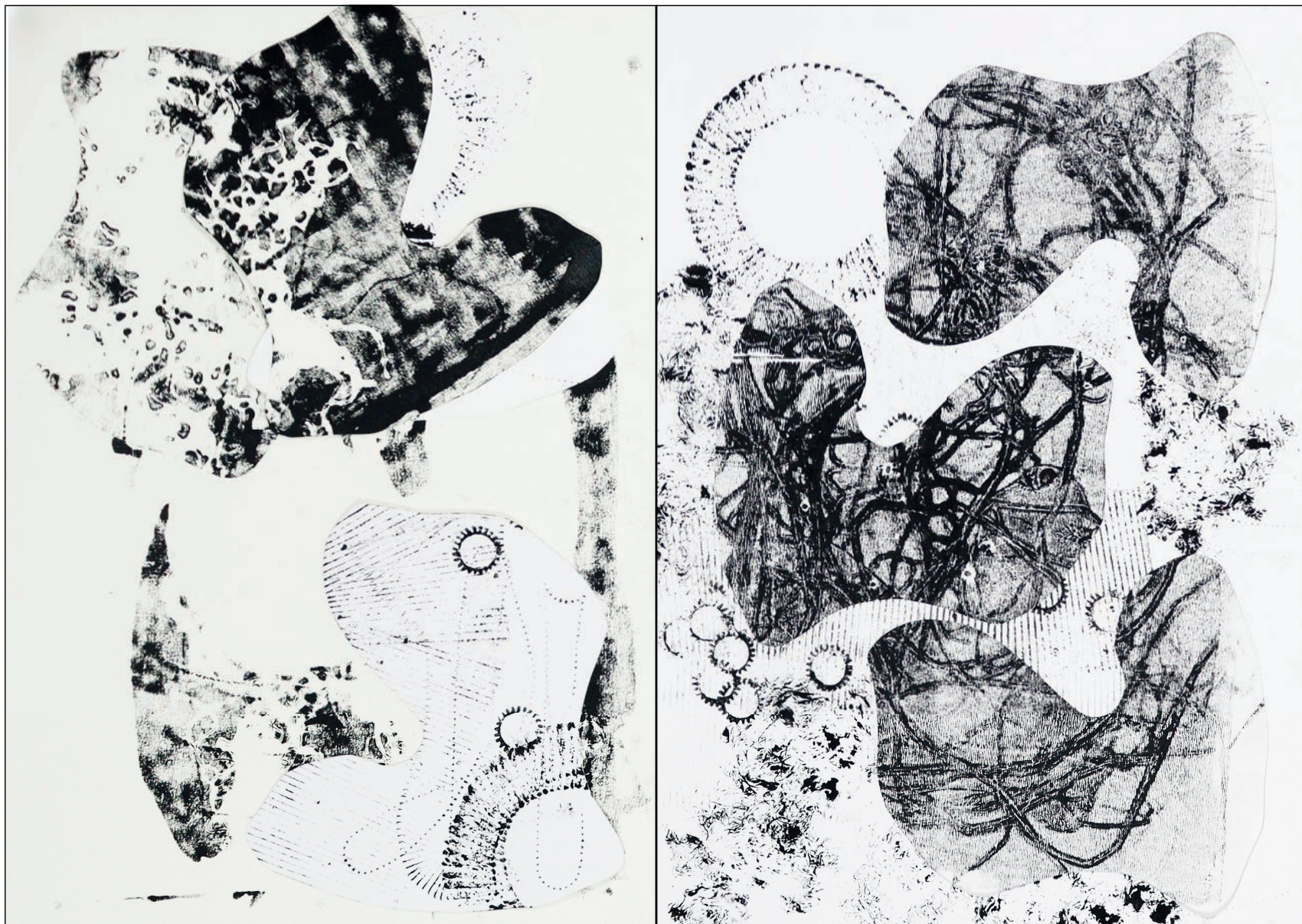














trabalho realizado no projeto final de comunicação visual
PUC-Rio - Departamento de Artes e Design
2024.2

conclusão

Ao final de um processo de aprendizagem de um projeto percebo que este é apenas o fim de um ciclo e que quando se deixa atravessar pela jornada do processo, aquilo construído permanece em constante transformação.

Durante a trajetória, vulnerabilizar-me fez parte do processo de amadurecimento, entendendo que as críticas negativas serviram de impulso para me entender, ter noção das minhas limitações e fazerem parte de tudo que se transforma.

Além disso, entendo, ao concluir esse curso, que projetar é se deixar levar pelas solicitações do projeto e não lidar com a forma levando em conta apenas o problema e a solução. Dessa maneira, faço um paralelo com o esporte que não é sobre fazer mais rápido e fácil. Existe um aprendizado que envolve a demanda do tempo, calma, sensibilidade e observação, virtudes que muitas vezes não são devidamente apreciadas na nossa sociedade atual.

No meu projeto, aprendi a valorizar a criação e a buscar olhar o entorno com uma nova perspectiva, reconhecendo potenciais e oportunidades que antes passavam despercebidas. Isso tem tornado o meu dia a dia mais colorido e repleto de novas possibilidades. Além disso, aprendi a dar espaço e a exercitar meu inconsciente, o que, além de trazer contribuições valiosas, tem me permitido levar a vida com mais equilíbrio e harmonia.





bibliografia

DEBORD, Guy. **Teoria da Deriva**. Paris, 1952

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. Ubu Editora, 2021.

Larrosa, Jorge. (2002). **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação.

RIBEIRO, Tiago; DE SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa: Por que não?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Não coisas: Reviravoltas do mundo da vida**. Editora Vozes, 2022.

